UN - REVAP
PATRICIA

BR
PETROBRA

Um avanço para ser comemorado

O ENTUSIASMO DE MARIA AUGUSTA CARNEIRO RIBEIRO, A GUTA, PODE SER MEDIDO PELA MANEIRA COMO ELA GESTICULA E SE EMPOLGA AO FALAR DE SEU TRABALHO COMO OUVIDORA DA PETROBRAS. PARA ELA, TER UMA OUVIDORIA DENTRO DE UMA EMPRESA É UMA INSTÂNCIA DE AVANÇO NA ORGANIZAÇÃO DEMOCRÁTICA. PROVA DISSO, SEGUNDO GUTA, É QUE AUMENTARAM DE 10 MIL, EM 2003, PARA 13.500, EM 2004, O NÚMERO DE DEMANDAS PARA A OUVIDORIA (OS NÚMEROS DE 2005 AINDA ESTÃO SENDO COMPUTADOS). GUTA ACHA QUE A PROCURA DA OUVIDORIA JÁ VIROU HÁBITO ENTRE OS FUNCIONÁRIOS. "É UM AVANÇO PARA SER COMEMORADO NA PETROBRAS". COMEMORAÇÃO, ALIÁS, QUE SE ESTENDE À RECENTE OFICIALIZAÇÃO DA OUVIDORIA COMO ÓRGÃO LIGADO AO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO. "AGORA SOMOS UMA CAIXINHA, QUE FAZ PARTE DO ORGANOGRAMA DA EMPRESA". UM DOS TRABALHOS QUE MAIS ENTUSIASMAM GUTA É O DA COMISSÃO DE GÊNERO, CONSTITUÍDA PELO COMITÊ DE RESPONSABILIDADE SOCIAL E AMBIENTAL, E LIGADA À OUVIDORIA. NESTA ENTREVISTA, PARA O DIA INTERNACIONAL DA MULHER, GUTA FALA DOS AVANÇOS DA MULHER DENTRO DA PETROBRAS E DO SONHO DE PREPARAR AS MULHERES DE COMUNIDADES EM QUE A PETROBRAS ATUA PARA ENTRAREM NO MERCADO DE TRABALHO EM TODOS OS NÍVEIS.

Como evoluiu a Ouvidoria desde que você assumiu?

A Ouvidoria foi criada com a função de assessorar a presidência da empresa. Na época em que foi criada, já era um avanço em relação às outras empresas petrolíferas. Foi criada a partir de uma postura de incentivo ao diálogo e à transparência. Mas sendo uma assessoria, estava limitada pelo próprio papel do assessor. A Ouvidoria já era um canal de denúncia, mas este canal deveria ser independente.

Qual a importância da função da Ouvidora?

É uma instância de avanço de organização democrática. E as demandas que temos – que aumentaram de 10 mil, em 2003, para 13.500, em 2004 – são um indicador de legitimidade. A procura da Ouvidoria é um indicativo de confiança. É muito interessante perceber como esse hábito foi interiorizado nas pessoas dentro da empresa. É um avanço para ser comemorado na Petrobras.

Como você avalia hoje, tendo em vista o Dia Internacional da Mulher, a situação da mulher na Petrobras?

Não há dúvida de que, de 2003 para cá, estamos vivendo um momento em que a sensibilidade para a importância da questão do gênero e do papel da mulher dentro

de uma empresa como a Petrobras é muito grande. Esta gestão dá a essa questão uma importância muito grande. Temos uma Comissão de Gênero constituída pelo Comitê de Responsabilidade Social e Ambiental, obedecendo a uma diretriz de uma política pública, que é para mim da mais alta relevância. Começamos a fazer uma pesquisa na empresa que, embora ainda esteja no início, já tem um dado bastante significativo: nossa pesquisa foi iniciada, oficialmente, no dia 2 de janeiro e, até o dia 6, já tínhamos mais de 9 mil pesquisas respondidas. Então, podemos concluir que não existe pesquisa que tenha uma adesão tão grande se o assunto não for pertinente.

Como avalia as conquistas e os avanços das mulheres na empresa?

A Petrobras tem 52 anos. Há 52 anos, quantas engenheiras havia no Brasil? Poucas. É muito recente a inclusão das mulheres nesse mercado de trabalho. Por outro lado, o tipo de trabalho exigido pela empresa, em termos operacionais, era impossível de ser feito por uma mulher. Com o avanço tecnológico, tudo o mais também foi avançando. Se poderíamos estar muito adiante? Claro. Até como país, poderíamos estar muito adiante. Mas fico feliz de poder participar desse movimento de avanço. De 2003 para cá, é significativo o número de mulheres que está participando na empresa em nível gerencial mais alto. Temos diversas companheiras em cargos de gerência. Enfim, só o fato de a alta direção da empresa demonstrar claramente seu posicionamento favorável à inclusão da mulher já é fantástico. Isso, inclusive, inibe o comportamento machista clássico. Ninguém, atualmente, na Petrobras, é louco de ser agressivamente discriminatório com uma mulher. Já existe uma consciência de que isso é errado e essa cultura está se enraizando cada vez mais.

Ainda existem muitos problemas?

Ainda temos muitos problemas de pornografia, de assédio, problemas no trabalho quando se recusa uma mulher para um cargo, argumentando-se que ela pode engravidar. Ou seja, ainda existe essa visão de que a gravidez é uma questão individual, e não da sociedade, e até da nação, que, para sobreviver, precisa se reproduzir. Grande parte das pessoas não pensa nisso.

Você confia na mudança?

Essa mudança tem que vir, ela está vindo aos poucos, mas acho que é fundamental o exemplo vir de cima para baixo. A democratização em cima de conceitos já sedimentados de ritos de poder é muito difícil porque é vista muitas vezes como sinal de fraqueza, e o não-autoritarismo é considerado uma incapacidade de comandar. Principalmente quando vem de uma mulher. As mulheres são levadas a reproduzir o comportamento autoritário do modelo masculino. Se tem alguma coisa que adquiri com a idade, além das rugas, é essa tranqüilidade de poder fazer o que acho que é certo. Então, não preciso ficar mandando, gritando. Sou vaidosa, me pinto, boto brinco, colares, porque gosto desse ritual. A idéia de que para transmitir autoridade tem que ser sério, calado, impenetrável, e, principalmente, sem afetividade é um conceito errado de autoridade. Autoridade é necessária. Uma empresa como a Petrobras tem que ter autoridade e uma relação de comando clara, senão é impossível realizar uma operação concreta aqui dentro. O nível de responsabilidade individual é grande, então, o comando é fundamental. Mas essa questão do que é característico do masculino e do feminino é que está muito atrasada aqui dentro. A mudança da cultura é lenta.

A maioria no voluntariado é de mulheres?

Não fizemos esse levantamento, mas não me surpreenderia se fosse. Ser voluntário é muito feminino. As mulheres se ajudam, quando se trata de cuidar dos filhos, por exemplo. A compreensão da importância de ajudar o outro é muito clara para quem está acostumado a fazer aquilo.

Quais são os planos da Ouvidoria para o futuro?

Estive na China, em dezembro, numa reunião do Pacto Global voltado para as empresas. Uma das questões levantadas, entre os diversos aspectos do Pacto Global, foi a questão de gênero. Levei um trabalho para divulgar o que a empresa faz e o espanto era muito grande. As pessoas diziam: mas como a empresa de petróleo do Brasil tem trabalho de gênero? Isso é muito incomum. Eu falava com o maior orgulho. Mas o que se falava lá era o seguinte: o número de mulheres é cada vez maior – já deixamos de ser minoria há muito tempo – e, sabe-se que o usual é que, em casos de separação, quem fica com os cuidados dos filhos, geralmente, é a mulher. Se as mulheres são menos educadas, menos formadas profissionalmente, têm menos oportunidades, já se está, então, criando uma nova geração de excluídos. E é nessa preocupação que se baseia a nova proposta das empresas de ponta. Em vez de fazer mais intervenções nas comunidades em que se atua, de forma pontual, para aumentar o rendimento familiar, que paralisa a mulher naquela situação, por que não fazer um levantamento local, ver o nível de necessidade de mercado naquele local e trabalhar com isso? Se existe na comunidade uma fábrica de parafuso, as mulheres deverão ser formadas para fornecer mão-de-obra especializada para a fábrica, desde a presidência até a operação. Trazendo isso para a Petrobras, seria de responsabilidade da Comissão de Gênero fazer esse indicativo para o trabalho de Responsabilidade Social. E dizer: não podemos mais chegar lá naquela comunidade da Reduc, por exemplo, e constatar que há mulheres que precisam de bons projetos de aumento da renda familiar. Temos que ver o quê há de mercado de trabalho lá e preparar essas mulheres para trabalharem na Reduc.

> "Se as mulheres são menos educadas e têm menos oportunidades, já se está, então, criando uma nova geração de excluídos. Em vez de fazer mais intervenções nas comunidades para aumentar a renda familiar, por que não ver o nível de necessidade de mercado naquele local e trabalhar com isso? As mulheres deverão ser formadas para fornecer mão-de-obra especializada para a fábrica, desde a presidência até a operação"

Com isso se ajuda o desenvolvimento da comunidade, não é?

Claro. A Petrobras faz um trabalho de responsabilidade social de tirar o chapéu. E veja também os trabalhos que ela faz na áreas de cultura, social e ambiental.

Você acha que estamos caminhando para um tempo em que valores humanistas, de solidariedade, generosidade, que são fortes entre as mulheres, serão predominantes?

Acho que é inevitável. A única forma que vejo a humanidade avançar é caminhando para lá. Lembrei agora da presidente do Chile, a Michelle Bachelet, que é socialista e teve seu pai assassinado pela ditadura chilena. Ela disse recentemente: "Quando um homem grita, é porque é firme, quando a mulher grita, é histérica. Quando um homem chora, é nobre, e a mulher é fraca". Cada vez que vemos uma mulher chegando à presidência dizer uma coisa dessas, ficamos aliviados. Porque o machismo não é só do lado dos homens. A insegurança das pessoas as leva a buscarem modelos de comportamento para se defenderem. Quando vejo uma mulher adotando o modelo machista, me dá pena, porque ela não sabe como é bom ser mulher, poder abraçar, chorar, se emocionar, gostar, ficar com raiva, essas coisas do emotivo e do verdadeiro. Não sou menos porque me emociono, não sou menos porque gosto de conversar com gente. Ao contrário, é isso que humaniza, que faz a gente poder aproveitar mais. Eu adoro gente. Conversar com gente ainda é o maior entretenimento.